

O DEBATE REGRADO COMO ESTRATÉGIA PARA DISCUSSÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS AFRODESCENDENTES NO BRASIL: A ORALIDADE EM QUESTÃO

Profa. Dra. Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá;
Profa. Dra. Ângela Claudia Rezende do Nascimento Rebouças

(Professora do Depto. de Letras Vernáculas (DLV) / PPCL/ PROFLETRAS da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), jammarasconcelos@gmail.com).

(Professora da UNIRB/Mossoró; Tutora da Educação a Distância (UFERSA), ang-thi@hotmail.com).

Resumo: Nosso trabalho objetiva discutir sobre a relevância do gênero debate regrado como uma estratégia nas aulas de Língua Portuguesa para refletir sobre a violência contra jovens afrodescendentes no Brasil. Diante do desafio docente de incluir gêneros orais nas aulas de LP, nossas reflexões têm como motivação as atividades provenientes da segunda etapa do projeto de extensão: “A oralidade e o ensino de língua materna - desafios e possibilidades (DLV/UERN)” que tenciona estimular a inclusão dos gêneros orais no ensino de LP. No projeto mencionado e, conseqüentemente, neste artigo assumimos a oralidade como uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros discursivos da realidade sonora (MARCUSCHI, 2001) e, ainda, os pressupostos de Dolz, Schneuwly, Pietro (2004) que defendem o debate regrado como um gênero oral que articula um conjunto privilegiado de habilidades importantes dos debatedores. Desta forma, nosso percurso metodológico embasado pela pesquisa-ação permite-nos refletir acerca da seguinte questão norteadora: como o debate regrado pode representar um recurso para a discussão de temas polêmicos através da prática docente de LP? Entre os resultados, mesmo que preliminares, o gênero debate pode atuar de forma bastante produtiva no exercício do desenvolvimento da capacidade argumentativa, no âmbito da modalidade oral da Língua Portuguesa. Nossa análise reafirma o quanto pode ser atual e necessário refletir sobre esta temática, tendo em vista a importância da discussão social de temas polêmicos também na escola, corroborando para uma formação discente voltada para os gêneros discursivos no contexto educacional brasileiro. (248 palavras)

Palavras-chave: debate regrado, estratégia, projeto de extensão, violência.

Introdução

Diante do desafio de contemplar também a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa (doravante LP) de forma assertiva e desvinculada da visão grafocêntrica de ensino, a necessidade de discutirmos alternativas que auxiliem o docente de LP neste grande desafio tem mostrado urgência. Neste sentido, este artigo tem como objetivo discutir sobre a relevância do gênero debate regrado como uma estratégia nas aulas de Língua Portuguesa para refletir sobre a violência contra jovens afrodescendentes no Brasil.

Na sociedade contemporânea, estamos diariamente sujeitos ao enfrentamento da violência. Segundo o site: “ONUBR- Nações Unidas no Brasil¹” de acordo com uma pesquisa realizada nos estados brasileiros em 2015, a violência e a desigualdade racial colocam os jovens negros de 12 a 29 anos entre as principais vítimas dos homicídios no Brasil.

O nosso interesse pela questão diz respeito ao fato de acreditarmos, em consonância com os documentos que preconizam o ensino desta disciplina, que o ensino de LP voltado para o desenvolvimento da consciência reflexiva do discente pode auxiliá-lo em diferentes aspectos da vida, ensino esse proporcionado pela abordagem através dos diferentes gêneros discursivos que permeiam a sociedade (PCNEM, 1999).

Diante disso, a prática docente embasada também pelo trabalho com os gêneros, incluindo gêneros como o debate, conforme sugerimos aqui, pode auxiliar o discente a refletir e discutir com mais criticidade sobre questões pertinentes à sua rotina social, dentre elas, a questão da violência entre os jovens afrodescendentes no Brasil.

É importante salientar também que as reflexões aqui empreendidas são frutos do projeto de extensão: “A oralidade e o ensino de língua materna - desafios e possibilidades² (DLV/UERN)”. Em linhas gerais, este projeto tem como escopo estimular o estudo e uso dos gêneros orais na prática docente de ensino de língua materna, em nosso caso a Língua Portuguesa. Para isso, o projeto está dividido em 2 etapas: na 1ª etapa, tivemos a realização das leituras e discussões mediadas pela coordenação do projeto juntamente com os discentes de Letras membros do projeto.

Na 2ª etapa do projeto, serão preparadas e ministradas oficinas de capacitação para os professores de Língua Portuguesa da escola pública com a qual interagimos no projeto. O projeto em questão pretende, além de estimular o estudo dos principais pressupostos teóricos existente na temática abordada, possibilita também a troca de experiências entre os discentes universitários membros do projeto e professores da rede pública de ensino.

Assim, nosso artigo apresenta 2 seções, acrescidas do resumo, desta introdução, de algumas considerações e das referências que nos orientaram. Na primeira seção, discutimos sobre a necessidade de um ensino de Língua Portuguesa que inclua também a oralidade como uma modalidade inerente à língua e potencialmente voltada para a interação e, conseqüentemente, extremamente produtiva no que tange ao trabalho com o ensino. Já na

¹ Link do site <https://nacoesunidas.org/onu-jovens-negros-sao-as-principais-vitimas-da-violencia-brasil/> . Acesso em: 09/05/18.

² Projeto coordenado pela profª. Dra. Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá e desenvolvido pelos demais membros junto ao Depto. de Letras Vernáculas (DLV/FALA) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN e registrado no SIGProj com N°: 2041.26.3965.20022017.

segunda seção, discutimos acerca da caracterização do gênero debate e o apresentamos como uma importante ferramenta para o docente em exercício, relacionando-o à questões polêmicas como no caso da violência entre os jovens afrodescendentes no Brasil. Com o objetivo de proporcionar ao nosso leitor uma adequada compreensão do tema, passamos à primeira seção do artigo.

1 Por um ensino de língua que contemple a oralidade

Com o advento dos Parâmetros Curriculares Nacionais na década de 90, a necessidade de o docente de Língua Portuguesa estimular, nas aulas da disciplina, o desenvolvimento das habilidades linguísticas voltadas para as habilidades pertinentes à escrita e à oralidade com foco para o aprimoramento do letramento discente tornou-se um dos objetivos principais desta disciplina. Neste sentido, a recomendação do documento coloca os gêneros concernentes à modalidade oral da língua materna em posição de igualdade em relação aos gêneros pertencentes à modalidade escrita da língua quanto à possibilidade de servirem de instrumento para o ensino de língua de LP.

Segundo Dolz; Schneuwly e Haller (2004), embora a modalidade oral esteja bastante presente nas salas de aula e na nossa rotina de vida, ela ainda é pouco ensinada e aproveitada para fins pedagógicos. Esta constatação apontada pelos autores representa um grande problema no que tange à realidade do ensino de língua materna, haja vista ser esta a modalidade na qual o discente tem mais experiências ao ingressar na escola.

Ainda no que tange à inclusão do oral na rotina docente e discente de língua materna, os autores salientam também que o oral não está entendido como um objeto autônomo de trabalho escolar e, seguindo a tradição da Linguística Histórica, permanece bastante dependente da escrita. Convergindo para esta constatação, os autores apontam a pesquisa de Pietro e Wirthner (1996) que destaca os seguintes pontos sobre esta questão:

- O oral é principalmente trabalhado como percurso de passagem para a aprendizagem da escrita;
 - Os professores analisam o oral a partir da escrita;
 - O oral está bastante presente em salas de aula, mas nas variantes e normas escolares;
 - A leitura em voz alta, isto é, a escrita oralizada, representa a atividade oral mais frequente em sala de aula dos professores entrevistados.
- (PIETRO; WIRTHNER, 1996 apud DOLZ; SCHNEUWLY; HALLER, 2004, p. 139)

Diante do que foi mostrado entendemos como necessária a valorização da experiência oral do discente para o adequado desenvolvimento de uma prática reflexiva do ensino de LP. Para isso, salientamos que o docente em exercício deve incluir como objeto de estudo uma prática que contemple tanto os gêneros escritos quanto os gêneros orais da língua materna vivenciados pelo discente. Nossa sugestão volta-se para o fato de entendermos a necessidade do falante de desenvolver sua competência linguística voltada para as duas modalidades existentes na língua, e não grafocêntrica, isto é, que privilegie a modalidade escrita em detrimento da modalidade oral da língua.

Uma concepção de ensino voltada, também, para a inclusão da modalidade oral da língua subjaz uma visão dialógica das questões que envolvem a oralidade e a prática docente. Nesta perspectiva, convém deixar claro, também, o que entendemos por oralidade.

Na esteira dos trabalhos de Marcuschi (2001), concebemos este fenômeno como uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora. Desta forma, ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso. Podendo, nesta perspectiva, ser aprimorada (MARCUSCHI, 2001, p.25).

Ainda do que diz respeito à questão que envolve a caracterização da oralidade em seus diferentes níveis e ainda da existência do *continuum* entre a oralidade e a escrita, vejamos o que defende Marcuschi (2001, p.27):

Numa das extremidades, o oral espontâneo, geralmente pensado como fala improvisada em situação de interlocução conversacional, que constitui um modelo relativamente idealizado, a respeito do qual, à primeira vista, sublinha-se o aspecto fragmentário e descontínuo que esconde regularidades a serviço da comunicação. Situado na outra extremidade em relação a esse estilo oral espontâneo, temos as produções restringidas por uma origem escrita que identificamos ou descrevemos como a “escrita oralizada”, tratando-se de uma toda palavra lida ou recitada. Entre essas duas práticas orais diametralmente opostas, encontram-se todos os orais dos mais restritos e previsíveis, por sua origem escrita ou sua ritualização social, aos mais imprevisíveis do ponto de vista de estrutura e conteúdo.

Convém salientarmos que para o adequado tratamento e inclusão da oralidade como objeto de ensino nas aulas de LP, determinadas posturas extremistas no que tange às modalidades da língua devem ser fortemente combatidas. Cientes de termos deixado claro nosso olhar sobre essa questão, passamos à discussão que apresenta o gênero debate regrado como importante estratégia para a inclusão da oralidade no ensino de LP.

2 O gênero debate: alternativa para a inclusão da oralidade nas aulas de Língua Portuguesa

A concepção dos estudiosos que defendem os gêneros como parte importante da vida humana, presentes nas diferentes esferas sociais, inclusive como fenômenos sociais pertinentes às questões que perpassam o ensino, encontram-se no cerne dos trabalhos de Bakhtin ([1952-1953] /2003), Marcuschi (2001), Dolz; Schneuwly e colaboradores (2004), só para citar alguns deles.

Diante do panorama teórico que respalda a temática, compartilhamos da compreensão de que uma prática docente para o ensino de LP embasada no trabalho através dos gêneros orais e escritos disponíveis nas diferentes esferas sociais pode ser uma excelente alternativa para a questão. No caso específico da oralidade, dentre os gêneros dessa modalidade que podem apresentar-se como um recurso para o profissional da área, o gênero debate tem suscitado o interesse de alguns estudiosos da área.

Na procura por refletir acerca de como o gênero debate pode atuar nesta mudança de postura Pereira e Silva (2016) alertam que, no âmbito da Linguística, ocorre flutuação no que concerne ao gênero. Os autores destacam a dificuldade de estabelecimento de limites rígidos entre o compartilhamento de característica comuns aos gêneros conversa, discussão e debate.

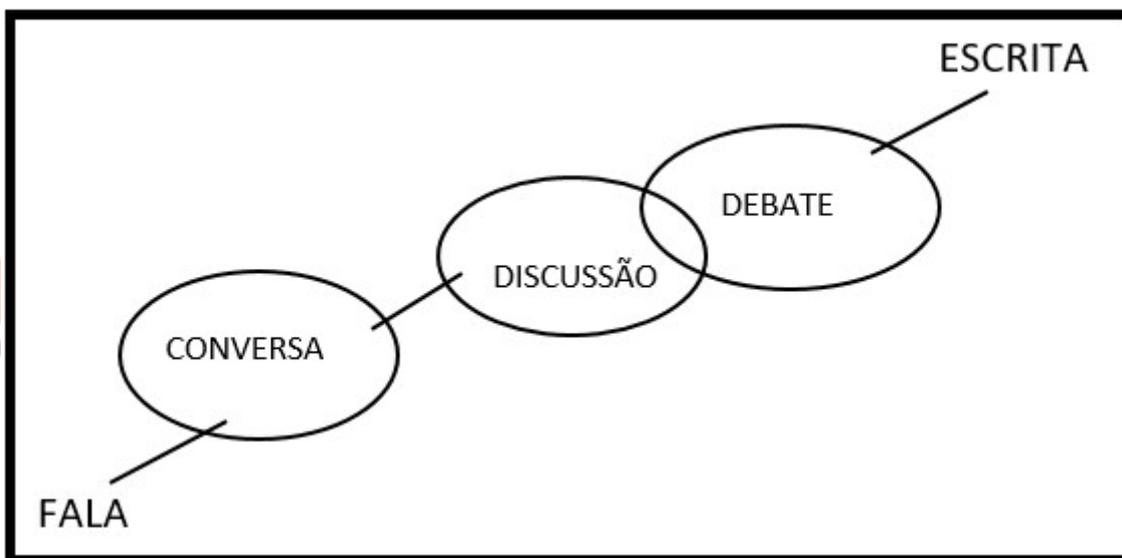
Neste sentido, os autores recorrem às contribuições de Kerbrat- Orecchioni (1990) para salientar que ao enquanto na conversa, considerada a forma mais comum de interação verbal, o tema e grau de formalidade podem servir de parâmetros para determinação da meta de interação, podendo variar em um contínuo do frívolo ao austero.

Já no caso da discussão, na concepção da autora um tipo peculiar de conversa, parece ter uma certa flexibilidade quanto a fatores como o local, o número de participantes e o grau de formalidade, com diferenças no que diz respeito à meta de interação. Desta forma, tendo como propósito principal a tentativa de um interactante em persuadir o outro, a discussão apresenta ainda as características de possuir a predominância de sequências argumentativas, a tendência à manutenção de um tema e, ainda, uma relativa estabilidade de duração da interação. Aspectos que nos fazem concordar com a autora ao acreditar na aproximação entre a discussão e o debate nestes pontos.

Kerbrat- Orecchioni (1990) destaca, ainda no que tange ao debate, o fato de que ele caracteriza-se por ser uma discussão mais organizada, menos informal, apresentando como propósito a confrontação de opiniões sobre um objeto particular, mas que ocorre dentro de um quadro “predeterminado”.

Neste sentido, enquanto a organização da conversa apresenta mais flexibilidade, o debate apresenta-se como um gênero de características mais estáveis, concedendo-o o aspecto de enquadrar-se entre os gêneros mais formais. Na perspectiva das concepções apresentadas, o quadro abaixo ilustra a aproximação entre os gêneros:

Figura 1: contínuo de relações entre a conversa, a discussão e o debate.



Fonte: Pereira e Silva (2016, p. 125)

Diante das reflexões aqui apresentadas e cientes das contribuições de Kerbrat-Orecchioni (1990) para a caracterização do gênero, convém esclarecermos a concepção que adotamos do gênero debate para este artigo. Neste sentido, passamos à seção seguinte que visa refletir melhor sobre esse delineamento.

2.1 O gênero debate regrado na discussão da violência contra jovens afrodescendentes no Brasil: afinando a lupa

É consenso entre os estudiosos da área que o gênero debate pode desempenhar um importante papel na inclusão da oralidade na rotina docente do ensino de língua materna. Segundo Dolz; Schneuwly e Pietro (2004), esta compreensão acerca do gênero germinou, nos últimos tempos, devido aos seguintes aspectos:

- a) O papel importante do debate na sociedade, em virtude do gênero estimular o hábito do desenvolvimento de um ponto de vista sobre diferentes questões;
- b) Esse gênero pertence às formas orais de comunicação, incluindo um conjunto privilegiado de capacidades nesse modo de comunicação, articulando habilidades importantes como escuta do outro, gestão de palavra

entre os participantes, retomada do discurso etc.;

c) O debate coloca em jogo habilidades fundamentais: tanto do âmbito linguístico, quanto do cognitivo (por exemplo, a capacidade crítica), as capacidades sociais (a exemplo da escuta e respeito ao outro) e, ainda, do âmbito individual (como a capacidade de tomada de posição, a construção da identitária, dentre outros);

d) Trata-se de um gênero, relativamente, bem definido sobre o qual, em geral, os alunos têm conhecimento em que podem apoiar-se.

Ainda no que tange às contribuições dos autores, destacamos a tipologia apontada por eles para o gênero debate. Conforme os estudiosos, existe uma variedade de tipologias atribuídas ao debate e, em seu trabalho, eles destacam algumas que segundo eles, podem ser utilizadas para o contexto escolar e sistematizadas para o ensino. São as seguintes: o *debate televisivo* que por fornece uma espécie de modelo do gênero representa, para maioria das pessoas, uma espécie de “protótipo” do gênero, contudo os autores salientam que o ensino não deve tomá-lo como modelo principal para o gênero.

Outro tipo apontado pelos estudiosos é o *debate de opinião de fundo controverso* que caracteriza-se por abordar crenças e opiniões no sentido de revelar diferentes posições, porém não objetivando uma tomada de posição, utiliza a confrontação como estratégia de revelação de diferentes posicionamentos sobre diversos temas.

Já o *debate deliberativo*, segundo os autores, ocorre quando o ato de argumentar tem como finalidade a tomada de uma decisão, ocorrendo sempre que existirem escolhas dissonantes e seja necessária a opção por uma delas.

Chegamos, então, ao *debate para a resolução de problemas*. Nele, o posicionamento inicial é da ordem dos saberes e dos conhecimentos, explorando a participação dos participantes debatedores. Neste caso, procura-se uma solução ou alternativa para gerir uma “situação problema”, estimulando assertivamente as capacidades dos debatedores para um fim específico.

Nesta perspectiva, é em consonância com os estudos de Miller (1987), Nonnon (1996/1997), Barros e Rosa (2012), Soares (2018) que assumimos a concepção de Dolz, Schneuwly, Pietro (2004) por caracterizarem o gênero em estudo com olhar voltado para a esfera escolar. Neste sentido, os autores concebem o debate público regrado que, agrega algumas características dos tipos já citados anteriormente, mas se define, especificamente, como um gênero da modalidade oral da língua, por meio do qual os alunos desenvolvem seus conhecimentos, ampliando seu ponto de vista, questionando e integrando, em diferentes graus, o ponto de vista dos outros debatedores.

Com base no que foi apresentado, os autores apontam que através do debate o docente pode trabalhar em sala de aula diferentes questões, dentre elas: estudos sobre a argumentação, além dos aspectos sobre o desenvolvimento de argumentos, a importância das questões ligadas à polidez no discurso, a retomada de discurso, dentre outros aspectos também inerentes ao gênero debate que devem ser observados através da análise das produções orais dos alunos e que podem ser viabilizadas através das sequências didáticas.

Entretanto, mesmo diante desta estratégia tão versátil para o desenvolvimento do discente nas aulas, Pereira e Silva (2016) apontam que é comum no ambiente escolar a utilização do debate em sala de aula como estratégia metodológica de exposições de conteúdos, mas não como um instrumento de avaliação. Neste caso, eles destacam que o tratamento dado à modalidade oral da língua pelos professores, no âmbito escolar, pode revelar os motivos pelos quais esses profissionais, em seu exercício docente, agem desta maneira.

Segundo os estudiosos, as razões que podem nos ajudar a compreender as causas para esta revelação, estão associadas ao fato de que, na escola, o oral ainda é concebido, geralmente, como espaço somente do informal, divergindo dos estudos linguísticos sobre a temática e ainda do que orienta os documentos oficiais que regulamentam o ensino, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Os aspectos apontados pelos estudiosos levam a concordar com esta constatação por observarmos o quanto o uso do debate, na prática docente, ainda está fortemente enraizada com o tratamento intuitivo do gênero, o que converge também para a explicação dos autores.

Desta forma, é importante salientar que, além dos aspectos já apresentados, no caso da discussão de temas polêmicos, como por exemplo a questão da violência contra jovens afrodescendentes no Brasil, o uso do gênero debate nas aulas pode apresentar várias vantagens para os envolvidos no processo de ensino. Destacamos aqui algumas delas:

- O estímulo do uso da oralidade de forma pedagógica na rotina de sala de aula;
- A desconstrução do mito de que a oralidade é uma modalidade de dominância de gêneros informais e, por consequência, não sistematizada;
- O combate ao preconceito no que tange ao exercício da oralidade como estratégia para o ensino;
- A reafirmação da necessidade da apresentação ao discente da existência do *continuum* entre a oralidade e a escrita pertinente aos diferentes gêneros discursivos;

- A possibilidade de tratamento dialógico de temas polêmicos que, em muitos casos, os sujeitos envolvidos possuem pouca voz na sociedade;
- O empoderamento do discente através da discussão de problemas pertinentes à realidade social em que vivem, neste caso, a convivência com a violência;
- O fortalecimento do papel do docente como mediador das atividades desenvolvidas em sala de aula;
- A possibilidade de aprofundamento da relação afetiva entre o docente e os discentes.

Algumas considerações

É consenso entre os documentos que regulamentam o ensino, a orientação do trabalho docente considerando os gêneros como ferramentas didáticas para o ensino. Nesta perspectiva, a modalidade escrita e a modalidade oral da língua devem ser vistas como equânimes no que tange à potencialidade de abrigar os diversos gêneros orais e escritos que circulam na sociedade.

Segundo Dolz; Schneuwly e Pietro (2004), muito cedo as crianças são capazes de produzir intervenções que comportam uma tomada de posição sustentada por um argumento. Este pressuposto dos autores reforça nossa compreensão de que o gênero debate regrado pode atuar como importante ponto de partida para a reflexão e a discussão dos aspectos que colocam jovens afrodescendentes em situação de vulnerabilidade e/ou de violência.

A inclusão de gêneros orais, como o debate no exercício do ensino de LP, e o incentivo em desenvolver atividades que estimulem e exercitem a capacidade de reflexão e a tomada de posição por parte dos discentes reafirmam a escola como lócus de práticas sociais que visam combater as desigualdades sociais ainda tão arraigadas em nosso país e que provocam inúmeros problemas como no caso da violência.

É importante reforçar também que o ensino orientado pelo viés da visão igualitária no diz respeito às modalidades da língua desenvolve a capacidade docente em pensar acerca da viabilização de diferentes estratégias pedagógicas para o ensino; estimulando o docente a trabalhar com base na superação dos obstáculos naturais enfrentados pelos discentes no processo de aprendizagem da língua materna.

Esperamos ter deixado claro o quão oportuno pode ser a discussão das questões aqui apresentadas diante do desafio constante que perpassa a prática de ensino amparada pelo trabalho com os gêneros discursivos, dentre eles o debate regrado.

Referências

BAKHTIN, M. M. ([1952-1953]). **Os gêneros do discurso**. In: Estética da criação verbal. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARROS, J. B.; ROSA, A. L. T. A produção textual na escola: abordagens do gênero debate em estudo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2. 2012, Uberlândia. **Anais eletrônicos do SILEP**. Uberlândia: EDUFLU, 2012. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_156.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

_____. Secretaria de Educação. **Parâmetros curriculares nacionais+ ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias orientações educacionais complementares aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação**. Brasília: MEC/SEF, 1999. 241p.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; HALLER, S. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 125-155.

DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B.; PIETRO, J. Relato da elaboração de uma sequência: O debate público. In: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004, p. 213-239.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. **Les interactions verbales**. vol. 1. Paris Armand Colin, 1990.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 45-103.

MILLER, M. Argumentation and cognition. In: HICKMAN, M.(org.). **Social and functional approaches to language and thought**. Nova York, Academic Press, 1987, p.225-249.

NONNON, E. Quels outils se donner pour lire la dynamique des interactions et le travail sur les contenus de discours? **Enjeux**, 39-40, 1996/1997, p. 12-49.

PEREIRA, B. A.; SILVA, W. O debate no espaço escolar: objeto de ensino ou estratégia metodológica. In: ARAÚJO, D. L., Joaquim; SILVA, W. (orgs). **A oralidade em foco: conceitos, descrição e experiências de ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016, p.121-143.

SOARES, J. G. **O ensino da oralidade a partir da argumentação no gênero debate**. 120 p. Dissertação (Mestrado em Ensino/ POSENSINO). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Caraúbas, 2018.